

Fazendo Escola

COMPROMISSO ÉTICO E COMPROMISSO POLÍTICO DAS AUTORIDADES E DOS EDUCADORES

PAULO FREIRE

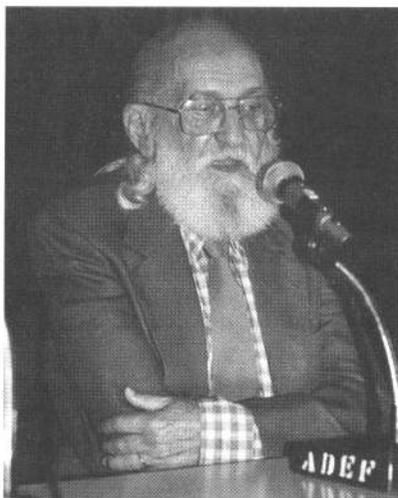
(Algumas das reflexões de Paulo Freire são passagens da palestra que ele proferiu em Uberaba sobre "Compromisso e Ética em Educação", no dia 17/11/95, a convite da Secretaria Municipal de Educação e Cultura; outras são trechos de entrevista concedida a essa Secretaria).

A LUTA DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

Eu vejo o profissional da Educação como outros profissionais, numa sociedade como a nossa brasileira, com uma grande responsabilidade ética e uma grande responsabilidade política e social. O obstáculo primeiro pra que você tenha profissionais eticamente responsáveis, politicamente responsáveis, socialmente e cientificamente responsáveis, é o descaso histórico com que os governos brasileiros têm olhado a educação e particularmente as educadoras e os educadores. Há um desrespeito que vem dos primeiros momentos da invenção autoritária da sociedade brasileira.

Quando a gente dá uma olhadela na história da educação brasileira, vê esse desrespeito, com ilhas de exceção. Por exemplo, quando nos anos 20, a escola brasileira pública atendia a uma minoria da elite, era uma escola boa, uma escola exemplar, precisamente porque eram filhos da elite que estudavam nela. Nos anos 20 começa haver uma pressão na história política do Brasil nos centros urbanos mais dinamizados como Rio, São Paulo, Belo Horizonte... Uma pressão das camadas populares, para que elas também tivessem direito à educação para seus filhos. Essa pressão, nos fins dos anos 20 e começo dos 30, foi inclusive estimulada pela presença dos operários de esquerda que chegaram da Itália e que se radicaram em São Paulo (a presença intelectual do grande

pedagogo espanhol FERRER com uma proposta política que influenciou escolas em São Paulo e no Recife). A presença de uma linha socialista de trabalhadores



imigrantes no sul do país começou a provocar uma classe trabalhadora ingênua brasileira. Em seguida a isto vem exatamente o governo populista de Vargas, com a tendência que ele tinha de soprar, de amaciar com uma mão e bater com a outra; e isso ajudou a pressão popular em favor da escola para o povo. Então, o que acontece? Nesse momento começa um desrespeito à escola pública. Nesse momento começa a se desprestigiá-la cada vez mais. A escola vai se deteriorando, as crianças da elite vão deixando-a e se vai estimulando a escola privada, que vai assumindo um primeiro lugar. Agora, vejam bem, com isso eu não estou sugerindo sequer que

a gente devesse acabar com as escolas particulares. De maneira nenhuma! Isso não faz parte do meu discurso. O que a gente terá que fazer é lutar pela recuperação da escola pública e do dever que tem o Estado de oferecer à população do país, em quantidade e em qualidade, uma boa escola, e isto é possível, desde que haja uma decisão política, que o homem público, que a mulher pública, a nível do Município e do Estado, da sociedade brasileira, tenham a decisão de mudar as coisas. Daí tem que vir uma série de mudanças na linha administrativa. Você tem que reformular a política dos gastos e hierarquizar mesmo. Por exemplo, é necessário que se faça justiça com relação aos pagamentos. Há profissionais que, por tradição, têm o poder no Brasil, e cujos ordenados são coisa extraordinária. É preciso acabar com tudo isso. Outro dia eu vi na TV que um coronel aposentado da polícia do Rio de Janeiro tinha recebido R\$65.000,00 (sessenta e cinco mil reais). Como é que é possível um negócio desse? Tem que se acabar com essa história: Você traz uma moça para seu gabinete; essa moça tem um salário X e recebe R\$200,00 (duzentos reais) de gratificação, porque está ajudando você no gabinete. Três meses depois, ela deixa o gabinete, mas se incorporam ao ordenado dela os R\$200,00 (duzentos reais). Mais adiante, daí a 3 meses, uma outra diretora a convoca. Ela junta mais R\$200,00 (duzentos reais). Quando chega no fim da carreira, ela se aposenta com salário

imenso, porque foram anexadas gratificações. Eu acho imoral um negócio desses. Eu ganho uma gratificação, porque no momento eu estou fazendo uma coisa fora, uma coisa extraordinária. Terminado de fazer, porque diabo vou eu juntar agora? É paternalismo demais nesse meio. Pra concluir, eu diria que a responsabilidade ética e política do professor é hoje uma coisa pela qual a gente tem que lutar. O professor tem todo o direito e o dever de brigar pela sua melhora, mas tem o direito, tem o dever, sobretudo, de brigar pela melhora da educação de seu país, de seu povo. Eu não posso, como educador, brigar apenas para ganhar mais, mas eu devo brigar para poder trabalhar melhor. Então, essa responsabilidade ética, que é política, é indispensável hoje ao educador.

FORMAÇÃO PERMANENTE E SERIEDADE PROFISSIONAL

Eu acho que a formação permanente dos educadores deve ser muito bem trabalhada e eles devem assumir sua própria formação com absoluta responsabilidade, vale dizer, com a consciência de que é preciso formar-se permanentemente. Que a formação não é uma experiência transitória. É preciso a gente superar a compreensão da formação permanente, que às vezes faz coincidir com o que se chama de reciclagem. A formação permanente não tem nada a ver com esse conceito mecanicista da reciclagem. Por isso mesmo, então, a ela se permeia, e se funda na análise da prática. É analisando a minha prática, com outros que analisam também a sua prática, que é possível que eu descubra, na prática dos outros, alguma coisa que ilumine problemas que eu tinha, ou tenho, na minha prática. É

analisando a prática, é discutindo os obstáculos encontrados que eu percebo a teoria da prática. A prática não é, por exemplo, a sua teoria, mas a prática engendra um certo saber. É preciso que eu me aproprie, com lucidez, da teoria que está sendo vivida na prática que eu estou realizando. A grande importância, a grande eficácia de um trabalho assim está em que, em primeiro lugar, a professora que coordena o grupo, que discute a sua prática, tenha um conhecimento científico superior ao próprio grupo, porque, se o conhecimento de quem coordena uma formação permanente é menor ou igual ao conhecimento dos educadores que a buscam não dá para aprofundar. Por exemplo, se temos um grupo de professoras que está trabalhando com alfabetização de crianças, evidentemente que a pessoa que está coordenando a discussão em torno da experiência precisa estar muito mais capacitada cientificamente do que a média das professoras. Ela precisa conhecer um pouco de Piaget, um pouco de Emilia Ferreiro, de Madalena Freire. Só o testemunho da professora que coordena o debate já é uma dimensão ética da formação. As professoras que vieram em busca dessa formação percebem que há uma seriedade científica nos professores coordenadores da reunião. O que eu quero salientar é o seguinte: não é preciso que um professor discuta Emilia, Piaget, que dê uma aula de ética em educação; é exatamente na discussão do que é a produção da linguagem que o professor está fazendo ética também.

Se uma professora que está participando de um curso faz uma pergunta ao coordenador do grupo e percebe que ele deu uma resposta de quem "chuta" (e quando você "chuta", você não está sendo sério), ela percebe que ele não foi sério. O procedimento sério, ético, desse coordenador seria dizer: "Olha, eu não estou a par disso que você perguntou. Agora eu estou intuindo que o que você me perguntou é absolutamente sério, então, eu

proponho que pensemos juntos e na próxima reunião vamos discutir e ler sobre isso". Ele possivelmente, mesmo sem saber dar a resposta, situa-se num determinado campo científico; a pergunta o situa neste campo e ele pode sugerir que campo é esse, marcando o tempo entre essa sessão (a que ele está) e a próxima (por exemplo, daí a 15 dias) e aí eles individualmente pesquisarão.

Um professor que faz isso testemunha a sua eticidade. Ele é um cara em quem se pode confiar, porque ele não fez um jogo falso só porque tivesse medo de demonstrar que não sabe. Evidentemente não saber é o melhor ponto de partida para procurar saber.

Compromisso ético supõe compromisso político também. Eu não tenho dúvida nenhuma de que o educador é um ser político, não necessariamente partidário, mas até partidário eu acho que ele deve ser também; o que ele não pode, se é um educador democrático, é impor a seus alunos a sua opção partidária, isso é imoral. É falta de ética. Vocês imaginem um professor que dá zero ao aluno porque ele é do partido contrário, é um absurdo. Eu me lembro de quando eu voltei do exílio, tive um aluno muito reacionário; era um sujeito sério, curioso, mas de uma posição reacionária. Ele escreveu, um dia, um texto, certo de que eu iria dar a ele uma nota inferior, e eu dei dez. E escrevi no texto dele: "Você é profundamente reacionário, lamento isso, tenho uma discordância necessária com você, mas não estou aqui na PUC para dar nota à ideologia de ninguém (eu não o convidaria para ser meu assistente); você merece 10". O cara ficou espantado.

Evidentemente que como professor eu luto para convencer quem me ouve de que eu estou certo. Isso é tarefa também minha. Como eu posso ser um bom professor se eu não brigo pelas minhas idéias? Eu falo em experiência democrática, porque eu acredito na experiência democrática e acho que com ela a gente vai mudar um pouco mais esse país.